

versão 17.1.1995

## **UM CÉU DE ESTRELAS**

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Roberto Moreira

- - -

A ação transcorre no interior de uma casa de classe média da Mooca, num fim de tarde e início de noite.

DALVA 24 anos, beleza simples mas sensual.

VÍTOR 28 anos, sedutor e perverso.

DONA LURDES, mãe de Dalva, uns 60 anos.

DONA COTINHA, vizinha, uns 60 anos.

- - -

### Cena 1 - EXT/DIA

Tomadas documentais de cenas típicas de um dia de semana num bairro paulistano de classe média baixa (crianças brincando na rua, homens bebendo num bar, comerciantes atendendo fregueses, passageiros descendo de ônibus etc.), alternadas com paisagens urbanas do bairro (casas, viadutos, fábricas, metrô, elevado etc.). As cenas, sempre filmadas do exterior, vão dando maior destaque a interiores, acabando com uma mulher (Dalva), vista pela janela, ocupada no seu quarto. Essas cenas comportam os letreiros iniciais do filme.

### Cena 2 - QUARTO/DIA

Dalva, o cabelo enrolado numa toalha, arruma sua mala. Entre as coisas que estão sendo arrumadas, há um diploma de cabelereira emoldurado, um passaporte, um profeta do Aleijadinho. Ao lado da mala, umas roupas estão esticadas, como prontas para serem vestidas, e uma frasqueira. Três breves toques de campainha. Contrariada, Dalva caminha em direção à porta.

Cena 3 - SALA/DIA

Dalva, de toalha na cabeça, olha pela janela, faz cara de desânimo, mas vai abrir a porta. Vítor está diante da porta, segurando uma sacola. Vítor faz menção de falar, um ruído intenso de avião passando interrompe-o, Vítor levanta a cabeça. Dalva olha para Vítor.

DALVA

O que você quer, agora?

Vítor olha para Dalva.

VÍTOR

Só passei para devolver.

Vítor faz gesto indicando a sacola.  
Dalva não reage, não lhe abre passagem.

VÍTOR

Suas coisas.

DALVA

Cê não avisou que vinha

Amável e insistente, mostrando a sacola, continua querendo entrar. Após hesitação, Dalva o deixa entrar. Vítor entra, tenta beijar Dalva, que vira a cara. Dalva fica perto da porta, que permanece aberta.

VÍTOR

Agora precisa avisar?

Vítor, tranquilo, passeia pela sala, olhando as coisas.

DALVA

Pra dizer a verdade, tou bastante ocupada.

Vítor detém-se numa folhinha de Seicho-no-yé; lê pausadamente a frase que se encontra no dia de hoje (\*).  
Dalva, ríspida, acaba a frase de cor (\*), e emenda:

DALVA

E então, Vítor?

Vítor estende a sacola para Dalva.

VÍTOR

Confere.

DALVA

Não faço nenhuma questão.

Vítor faz menção de se sentar.

VÍTOR

(provocativo)

Posso?

Enquanto Vítor se senta, Dalva abre um pouquinho mais a porta até que toque a parede, e aproxima-se dele. Fica, rígida, em pé, frente a ele, olhando-o fixamente. Vítor não toma conhecimento da atitude de Dalva e, com gentileza, começa a tirar coisas da sacola e a colocá-las na mesa de centro, e continua conversando:

VÍTOR

O Seicho-no-yé, sua mãe continua lendo todo dia, de manhã?

Vítor continua espalhando os objetos em cima da mesa: um lenço grande de pescoço, um livro sobre espiritualismo (tipo Você pode curar a sua vida) ...

VÍTOR

Afinal, qual que é a religião de sua mãe? nunca consegui entender. Ela ainda vai à igreja toda semana, e ao centro?

... uma camiseta...

DALVA

Mais respeito com a religião dos outros.

... uma caneta qualquer:

VÍTOR

Isso, achei que você podia precisar.

DALVA

Eu não quero nada.

VÍTOR

Nada nem ninguém?

DALVA  
Você falou que ia tentar?

Vítor procura, por parte de Dalva, uma receptividade que não vem. Ela continua em pé, impaciente. Vítor pára de tirar objetos da sacola, que não está vazia.

VÍTOR  
Me traz um copo d'água?

Para não criar problemas, Dalva dirige-se à cozinha.

#### Cena 4 - COZINHA/DIA

Rapidamente, Dalva pega um copo no escorredor, abre a torneira do filtro donde sai um fio de água. Dalva impaciente-se, abre a porta e sai para o quintal.

#### Cena 5 - QUINTAL/EXT/DIA

Dalva mexe numa plantinha e, relaxada, fica olhando as nuvens no céu acabando de secar o cabelo com a toalha.

#### Cena 6 - COZINHA/DIA

O copo d'água está transbordando, a mão de Dalva o pega. Dalva derrama um pouco de água e enxuga o copo.

#### Cena 7 - SALA/DIA

Dalva coloca o copo na mesa de centro, bastante distante do alcance de Vítor, que está esticado no sofá, dormitando. Dalva tira a toalha. Vítor estica o braço para pegar o copo. Bebe um pouco. Dalva fica olhando, enquanto tira a toalha da cabeça.

Vítor pega a sacola e tira uma jaqueta masculina de couro preto.

Dalva perturba-se um pouco e quase triste:

DALVA

A jaqueta, não. Presente não se devolve. Cê gostava tanto.

Vítor levanta, caminha, com a jaqueta na mão, em direção à porta.

VÍTOR

É, gostava!

Vítor fecha a porta.

VÍTOR

Eu mudei.

DALVA

(irônica)

De novo! E continua sempre igual.

Vítor volta a seu lugar, larga a jaqueta em cima da mesa, cobrindo os outros objetos, e senta-se.

VÍTOR

Dalva, a gente precisa conversar!

DALVA

Chega, Vítor!

Dalva volta a pentear o cabelo com a mão, anda um pouco pela sala e, ficando perto do copo:

DALVA

Não vai beber mais?

VÍTOR

Há quanto tempo a gente não conversa, Dalva?

Dalva responde com silêncio.

DALVA

Posso levar o copo?

Vítor pega a copo e observa o próprio dedo que agita, dentro do copo, o restante da água:

VÍTOR

Eu tou te dizendo que eu mudei. Cê nem tá sabendo.

DALVA

Não tou sabendo mesmo!

Dalva pega uma escova numa estante e começa a escovar o cabelo.

Irritado com a displicência de Dalva, Vítor provoca:

VÍTOR

(irônico)

E o acidente, cê tá sabendo?

Surpresa, Dalva pára de escovar o cabelo e se senta.

VÍTOR

Quando eu vim pra cá, vi que derrubaram a grade do viaduto. Foram três garotos. Bateram com o carro. Cairam lá de cima e morreram. Um deles era aqui da rua.

DALVA

Sei. Tinha acabado de fazer quinze.

VÍTOR

Quinze, você disse que o menino tinha quinze anos?

Vítor tira o dedo de dentro do copo e olha para Dalva.

VÍTOR

Cê tinha quinze anos, lembra? Eu, dezenove.

O incômodo volta a se instaurar entre os dois.

DALVA

Isso, faz dez anos.

VÍTOR

Daqui a um tempo, cê nem vai lembrar de mim.

Dalva levanta, passa, com alguma piedade, a mão no cabelo de Vítor, pega o copo, e dirige-se à cozinha.

Cena 8 - COZINHA/DIA

Dalva lava o copo, olha a folhinha com paisagem japonesa, olha a santa iluminada com uma vela sete dias.

Dalva pega uma tesoura numa gaveta, corta uma mecha de cabelo, tira um arame plastificado de um pacote de pão em cima da geladeira, amarra a mecha e a deposita junto à santa. Dalva fica olhando para a santa. Toca a campainha. Dalva rapidinho dirige-se à porta.

Cena 9 - SALA/DIA

De volta para sala, Dalva encontra Dona Iara, que segura uma bandeja coberta com uma toalhinha, e Vítor começando a fechar a porta. Vítor é muito simpático com D.Iara.

D.IARA

Dalvinha, fiz umas coxinhas e trouxe...

Surpresa, Dalva tem um movimento de retração.

D.IARA

... quando cê cortou os cabelos?

D.Iara entrega a bandeja a Dalva, que a pega de má vontade.

D.IARA

Ficou bem em você.

D.Iara mexe no cabelo de Dalva.

DALVA

'brigada.

Dalva desvencilha-se de D.Iara e deposita a bandeja num canto (não na mesa central).

D.IARA

Cadê sua mãe? ela gosta tanto das coxinhas que eu faço.

DALVA  
Já devia ter chegado.

VÍTOR  
A Senhora não quer sentar um pouco, D.Iara?

D.Iara olha para Dalva, cujo olhar não é encorajador, e senta assim mesmo. Vítor senta-se. Dalva fica em pé.

D.IARA  
Dessa vez, coloquei catupiry no recheio. Não era você que gostava de catupiry, Vítor?

VÍTOR  
E continuo gostando.

D.IARA  
Outro dia me lembrei de você. Anda sumido. Trabalhando muito?

Vítor olha para Dalva.

VÍTOR  
Saí do emprego.

D.IARA  
Demitiram muita gente na fábrica?

Vítor olha para Dalva.

VÍTOR  
Não. Saí mesmo.

D.IARA  
E o que cê tá fazendo agora?

Vítor olha para Dalva.

VÍTOR  
Acordo às duas da tarde, todos os dias às duas da tarde, vejo TV, ando por aí. Acabei trocando o dia pela noite.

Vítor olha para Dalva, sorridente e cínico.

VÍTOR  
Tou de férias.



Dalva fuzila Vítor com os olhos, e com furor contido:

DALVA  
'peraí, Vítor...

D.IARA  
Eu, já faz mais de quinze anos que não tiro férias. Você deve estar aproveitando. É tão bom poder visitar os amigos, viajar. Faz um tempão que eu não vou à praia! Sempre falo pro Heitor que...

DALVA  
(seca)  
D.Iara, quando minha mãe chegar, falo pra ela procurar a Senhora.

Dalva encaminha-se para a porta, que ela vai abrindo.

D.Iara sente-se incomodada com a tensão da situação, mas dá uma disfarçadinha.

D.IARA  
Então, já vou indo, Dalvinha. Vítor, foi ótimo ver você.

D.Iara encaminha-se para a porta.

VÍTOR  
(irônico)  
O prazer foi meu.

Dalva segura a porta aberta. D.Iara passa para sair e fala reservadamente para Dalva, com ar de cumplicidade.

D.IARA  
Não quero atrapalhar vocês dois.

Dalva fica irritada, fecha a porta bruscamente e se volta para Vítor.

Cena 10 - SALA/DIA

Dalva ainda está junto à porta, com extrema tensão.

DALVA  
Velha futriqueira!  
(pausa)

Que história é essa de largar o emprego?

Vítor levanta, sorrindo, caminha despreocupadamente pela sala.

VÍTOR  
Não te falei que eu mudei?

Vítor está agora próximo à bandeja de coxinhas e pega uma.

DALVA  
Mudou pra pior.

VÍTOR  
Não conseguia mais trabalhar.

DALVA  
Como que vai ser, agora? Cê não tava comprando um apartamento?

Vítor vai comendo a coxinha.

VÍTOR  
(irônico)  
Você.... preocupada com o nosso apartamento!!!

DALVA  
A idéia foi sua.

VÍTOR  
Mas você escolheu comigo. E de repente essa história de viagem.

DALVA  
Não, não vou discutir isso de novo. Sempre quis fazer esse curso. Lutei, consegui, e agora vou pra Miami.

Começa a se ouvir uma música, abafada, que vem da casa do vizinho..

VÍTOR  
Agora posso ir com você.

DALVA  
Eu não te convidei.

VÍTOR  
(irônico)  
Vai com a mamãe?

DALVA  
Não, eu vou sozinha.

VÍTOR  
E o que a sua mãe acha disso?

Vítor senta-se e acaba de comer a coxinha.

VÍTOR  
Um cafezinho ia bem agora.

DALVA  
Acabou o pó.

Silêncio.

VÍTOR  
O vizinho chegou do trabalho.

DALVA  
Todo dia a mesma música. Eu gosto dele, ele é chato mas legal.

Vítor acaba de comer a coxinha, deixa as sobras em cima da mesa, levanta, aproxima-se de Dalva já meio em ritmo de dança, a contorna e vai pegá-la para dançar. Dalva afasta-se bruscamente de Vítor, que continua dançando.

Dalva senta-se e arruma a mesa de centro, coloca o papel da coxinha no cinzeiro, guarda as coisas deixadas por Vítor dentro da sacola, menos a jaqueta, que ela dispõe no sofá.

Vítor, muito sensual, ensimesmado, dança de olhos fechados.

Dalva, emburrada, cruza os braços.

Bruscamente, Dalva levanta, dirige-se firmemente em direção a Vítor e, inesperadamente, o agarra para dançar. Dalva provoca Vítor sexualmente durante a dança. A dança torna-se frenética, desprovida de qualquer afetividade, mas muito sexualizada. Dalva pega no peito de Vítor, amassa sua bunda, pega no seu pau por cima da calça. Vítor, excitado, retribui. A música acaba, os dois continuam dançando no seu frenesi. Vítor apresta-se a beijar a boca de Dalva. Dalva vira a cara e desvencilha-se de Vítor, saindo energicamente em direção ao banheiro.

Água jorrando com força da torneira da pia. Dalva joga água no rosto e molha a nuca. Ao fechar a torneira, pára um instante como que hipnotizada pelo jato d'água.

Cena 12 - CORREDOR/DIA

Saindo do banheiro, Dalva passa pela porta aberta do quarto e olha. Após a sua passagem, continuamos a ver a mala aberta sobre a cama.

Cena 13 - SALA/DIA

Dalva entra na sala resoluta, dirige-se ao sofá, pega a jaqueta e a estende a Vítor.

DALVA  
Vítor, tá na hora.

VÍTOR  
Tá me mandando embora?

DALVA  
Tenho muito que fazer.

Vítor não pega a jaqueta. Ouve-se um ruído de chave na fechadura. A mãe de Dalva entra, carregada de pacotes de supermercado, manifesta surpresa, coloca a chave na bolsa. Dalva abaixa o braço, continuando a segurar a jaqueta. A mãe fecha a porta.

DALVA  
Ele já tava indo.

A mãe dirige-se a Dalva.

MÃE  
E o que ele tava fazendo aqui?

VÍTOR  
(amável)  
Só vim devolver a jaqueta e as coisas de sua filha.

A mãe continua a se dirigir a Dalva.

MÃE

Ele não tem mais nada para devolver.

VÍTOR

(ainda amável)

Dona Lurdes, era só a jaqueta.

MÃE

Não quero mais saber desse sujeito aqui.

Dalva, exasperada, coloca a jaqueta no lugar onde estava.

DALVA

A Senhora pode me deixar cuidar disso sozinha? Não é melhor a Senhora ir guardar as compras?

A mãe fica contrariada, mas dirige-se à cozinha. Chegam à sala ruídos de papel, da geladeira, da mãe guardando as compras, fazendo com que o diálogo seguinte entre Dalva e Vítor não lhe seja audível.

DALVA

Agora você tem que ir embora,  
(baixo)  
tenho que conversar com minha mãe.

VÍTOR

(alto)

O que você precisa tanto conversar com sua mãe? Da viagem

DALVA

(baixo)

Fala baixo.

VÍTOR

(alto)

Ela ainda não sabe que você vai viajar?

DALVA

Deixa que eu cuido disso. Vai embora.

VÍTOR

(alto)

Quando você vai viajar?

DALVA

Foda-se, Vítor!

MÃE (off)

Esse sujeito...

A mãe está na porta da cozinha dirigindo-se à sala.

MÃE

...ainda está aqui?

DALVA

Não se mete, mãe.

MÃE

Você nunca soube cuidar da sua vida.

DALVA

Como não? Quem paga o aluguel? Quem trabalha aqui? Melhor a Senhora voltar para a cozinha.

MÃE

Olha como fala comigo. Esta casa também é minha, ou não é? Quando você vai conseguir pôr um fim nessa história? Ele é um atraso na sua vida.

VÍTOR

A Senhora não tem nada a ver com isso.

A mãe vai se aproximando de Vítor.

MÃE

Eu não vou deixar você destruir a vida da minha filha. Isso nunca.

VÍTOR

Olha quem fala!

DALVA

Será que vocês dois não podiam...

A mãe fica próxima de Vítor.

MÃE

Você nunca soube cuidar da sua vida.

MÃE

Não consegue nem comprar um apartamento. O que você pode dar pra minha filha com esse empreguinho vagabundo? Cê não tem perspectiva nenhuma! Dá pra ser pai assim? Não dá. Dá pra ter família? Não dá. Um fracassado! Sem futuro!

Num gesto impulsivo, Vítor se projeta sobre a mãe e a esbofeteia violentamente.

DALVA

Vítor!

A mãe cai no chão, com a boca sangrando.

Dalva precipita-se em socorro da mãe.

A mãe coloca a mão na boca, e percebe que está sangrando. Atônita, fica sem ação.

Vítor vai para pegar a mãe pelos ombros com fúria. Dalva tenta rechaçar Vítor. Vítor empurra Dalva que se desequilibra e cai na cristaleira quebrando o vidro.

Cena 14 - CORREDOR/DIA

Vítor arrasta a mãe no chão, pelos ombros. A mãe se debate em vão, fica como que se agarrando à bolsa.

MÃE

O que é qu'cê tá fazendo comigo? Cadê a Dalva?

VÍTOR

Fica quieta, velha! - Chega dessa brincadeira

MÃE

Seu bandido filha da puta!

VÍTOR

Agora é pra valer - Agora a gente resolve isso duma vez.

Vítor abre a porta do banheiro e empurra a mãe para dentro. Ficando no corredor, Vítor pega a chave do lado de dentro e começa a introduzi-la na fechadura do lado de fora. Durante esta ação, Vítor meio que fala para si próprio, meio que grita para as duas mulheres.

Dalva chega à porta do banheiro, en catastrophe.

DALVA

Ficou louco, você? Onde isso vai parar? Onde vai parar?

MÃE (off)

O que está acontecendo aí fora? - Abre essa porta.

Dalva sacode a maçaneta, grita.

DALVA

Mãe!

A mãe (off) grita.

MÃE (off)

Dalva, me tira daqui! Vítor, você ainda vai se arrepender - Isso não vai ficar assim.

Dalva ora bate na porta do banheiro e depois no peito de Vítor, com o mesmo pulso, ora bate simultaneamente na porta do banheiro e no peito de Vítor. Dalva tenta pegar a chave nos bolsos de Vítor, da camisa, da calça. Para Vítor, isso é como um jogo, ele se diverte, ri. Acha graça da fúria de Dalva.

A fúria de Dalva não se acalma e ela dá uma joelhada no saco de Vítor. Vítor dobra-se de dor, e já não acha mais engraçado. Vítor parte para o revide: lança uma frase ao mesmo tempo contra a mãe e contra Dalva, pela enrascada em que ele está a metendo.

VÍTOR

(cínico, meio brincando)

Sabe, D.Lurdes, sua filha, sua Dalvinha, ela vai viajar.

Ducha de água fria: Dalva pára imediatamente sua agressão. Pasma, olha Vítor com furor.

MÃE (off)

Seu mentiroso desgraçado, deixa minha filha em paz.

VÍTOR

E não vai voltar nunca mais. Ela vai fazer um curso.

MÃE (off)

Que história é essa, de viagem?

DALVA

Mãe!

VÍTOR

(cínico, meio brincando)

Por que sua filha quer ir embora? Hem, adivinha. Ela não aguenta mais. Vai te deixar sozinha. Vai te abandonar com essa pensãozinha de merda que teu marido te deixou...

DALVA

Mãe, não é bem assim.

VÍTOR

Para Miami, na Flórida. Sabe onde fica Miami, D.Lurdes? São oito horas de avião.

MÃE (off)

É mentira! É mentira!

DALVA

Mãe, depois eu te explico tudo. Uma chance dessas aparece uma vez na vida.

Satisfeito, sorrindo, Vítor assiste com volúpia ao diálogo entre as duas mulheres, e afasta-se.



A mãe permanece em silêncio.

DALVA

Eu não sabia como te dizer. Ia falar com você à noite.

Dalva está com a cabeça encostada na porta.

DALVA

Mãe, fala comigo, mãe!

Dalva mantém a cabeça encostada na porta e lágrimas escorrem pela sua face.

A mãe (off) começa a entoar um cântico religioso.

Dalva permanece com a cabeça inclinada sobre a porta, sem falar.

Determinada, com lágrimas no rosto que ela seca com a mão, Dalva sai bruscamente e dirige-se para a sala.

#### Cena 15 - SALA/DIA

Dalva, energicamente, vai para a porta de saída, pega na maçaneta, faz várias tentativas para abri-la, em vão. Dalva ouve um ruído de molho de chaves sendo chacoalhado, e volta-se.

Vítor, sentado no sofá com o cotovelo apoiado no joelho, com sorriso irônico, sacode o molho de chaves.

Dalva, desmontada, encosta-se na porta: toda a sua energia caiu. Dalva passa pela janela, dá uma olhada, caminha em direção a uma estante onde ela pega uma fivela, prende o cabelo, ela vê um quadro de vidro com areia e óleo colorido, ela senta e fica mexendo no objeto, contemplando o movimento da areia e do líquido, sem dar atenção ao ruído de chaves, que reapareceu. Dalva pára de mexer no objeto e olha para Vítor.

Vítor guarda as chaves no bolso da calça, levanta e vai fechar a janela.

DALVA

(com entonação neutra)

Você quer café?

Vítor cai na gargalhada.

Sem se importar com a reação de Vítor, Dalva levanta e, no caminho em direção à cozinha, deposita displicentemente o objeto num móvel.

CENA 16 - COZINHA/FIM DE DIA

Dalva pega no armário duas xícaras com pires, que ela coloca no mármore da pia.

Dalva pega uma panela. Ela faz esses gestos automaticamente, sem pensar, ela sabe onde estão todos os objetos e faria tudo de olhos fechados.

Dalva enche a panela de água.

Dalva põe a panela no fogão e liga.

Dalva pega de uma estante um pote de café e de uma gaveta pega uma colher que ela deixa ao lado do pote.

Tirando a tampa do pote, Dalva constata que ele está vazio.

Dalva pega, dentro de uma sacola trazida pela mãe, um pacote de café.

Dalva pega, numa gaveta, uma faca, excessivamente grande para a finalidade, e abre o pacote de café. Ela deposita a faca no mármore da pia.

Vítor, encostado em alguma parte da cozinha, contempla Dalva.

VÍTOR

(enternecido)

Você fica tão linda fazendo café!

Dalva não reage à intervenção de Vítor, ela continua, impenetrável, o seu ritual: no entanto, ela endurece. Dalva pega o coador e o filtro Melita.

Dalva coloca o filtro no coador.

VÍTOR

Espera um pouquinho.

Dalva, diante do fogão, espera a fervura da água.

Vítor mexe e remexe num armário até que descobre um coador de pano que ele passa a Dalva.

VÍTOR  
Café de coador é outra coisa.

Dalva, mais tensa, coloca de lado o Melita e instala o novo coador com o bule em baixo.

VÍTOR  
O coador tá uma porcaria. Sua mãe não lava nada direito. Dá uma lavada.

Dalva, em estado crescente de tensão, mas totalmente controlada e fria, lava o coador e completa a instalação.

A água está fervendo, borbulhando e soltando vapor.

Dalva pega a panela e escalda o coador. Vítor aproxima-se dela com intimidade. Dalva não reage e coloca pó no coador. Vítor acaricia a nuca de Dalva, e solta o seu cabelo, sem reação de Dalva. Dalva, branca de tensão, deixa correr um fio de água fervendo no coador, para umidificar o pó. Vítor levanta o cabelo de Dalva e beija-lhe o pescoço. Dalva não reage, mas sua tensão, embora controlada, cresce (faltaria pouco para seu corpo vibrar de tão tenso).

O coador se enche. Dalva pára de despejar a água, ficando com a panela em suspenso em cima do coador. Vítor insiste em beijar o pescoço de Dalva, e passar a mão no seu cabelo. O coador se esvazia, Dalva volta a despejar água. Dalva deposita a panela no fogão. Dalva pega o bule e enche as duas xícaras de café. Vítor continua atrás dela, acariciando-lhe a nuca e o cabelo, com ternura.

Com uma xícara na mão, Dalva vira-se bruscamente estendendo a xícara para Vítor, que é obrigado a recuar. Vítor, surpreso pelo gesto brusco, inesperado e pouco amável de Dalva, hesita em pegar a xícara, e não pega.

Dalva fica com o braço estendido.

DALVA  
(seca)  
Você não pediu café?

VÍTOR  
A gente precisa conversar, Dalva.

DALVA  
(agressiva)  
Que jeito de conversar! batendo em mim, na minha mãe, invadindo a casa.  
(pausa)  
Taí o seu café.

Vítor pega a xícara e a atira violentamente no chão.

Dalva abaixa-se para catar os cacos e limpar um pouco o chão.

DALVA  
(olhando para o chão)  
Agora vê se acaba com essa brincadeira e solta minha mãe.

Vítor está sentado numa cadeira com a cara enfiada nas mãos.

DALVA  
Você está destruindo sua vida. Assim, ainda acaba se matando.

Dalva, ainda agachada, levanta a olhar e percebe que Vítor não está mais na cozinha. Ergue-se rápido, deixando cair os cacos no chão.

Cena 17 - SALA/FIM DE DIA

Dalva entra correndo na sala à procura de Vítor, que não encontra. Na passagem, aproveita para acender o abat-jour ao lado do sofá.

Cena 18 - CORREDOR/FIM DE DIA

Dalva passa correndo pelo corredor. Sua atenção é desviada pela reza off da mãe - a veneziana na parte inferior da porta do banheiro estria de luz o chão do corredor -, ...

MÃE (off)  
... Meu Bom Jesus, Meu Santo Expedito dos Desesperados, tira o Satanás do corpo desse homem condenado.  
(mais alto)  
Seu amaldçoado!

... de passagem tenta abrir a porta que não cede, abre a porta do quarto da mãe que está vazio, fecha-a e chega ao seu quarto.

Cena 19 - QUARTO/ANOITECER-NOITE

Surpresa, Dalva pára na porta do quarto e percebe que sua mala foi derrubada no chão, e seus pertences espalhados.

Prostrado, Vítor está deitado de bruço na cama de solteira, curta demais para ele. Está vestindo a jaqueta de couro.

Dalva afasta-se irritada.

#### Cena 20- COZINHA/NOITE

Dalva entra na cozinha, apoia as mãos no mármore da pia, braços estendidos firmemente, olhos fechados: grande esforço de concentração para recuperar a calma. Num gesto hiper-rápido, pega um copo na pia e o espatifa jogando-o contra a porta do quintal, retomando imediatamente a sua posição de concentração. Lentamente, passa o braço na boca, pega uma vassoura que está na cozinha, varre os cacos deixando-os num canto.

#### Cena 21- QUARTO/NOITE

Dalva entra no quarto, agacha-se ao lado da cama e, compadecida, passa a mão no cabelo de Vítor, com ternura.

DALVA

Calma, Vítor. Vai ver, vai ficar tudo mais fácil.

VÍTOR

Cê ia viajar hoje. C^tava enganando todo mundo, eu, sua mãe, escondida.

DALVA

Cê não quer dormir um pouco?

VÍTOR

Não quero mais nada.

DALVA

Não acha melhor tomar um calmante?

VÍTOR

Cê acha que tou louco, não é?

DALVA

Só acho que você tá muito nervoso, que você nunca soube cuidar da sua vida, que precisa de ajuda.

VÍTOR

Não preciso de mais nada.  
(Vítor afasta a mão de Dalva)  
Chega dessa bobagem.

Vítor levanta, coloca a mala em cima da cama, pega no chão roupas que põe na mala desordenada e vigorosamente.

Dalva levanta, recua da cama, tomando distância da mala, espantada pela ação de Vítor, que ela não entende.

Cheia a mala, Vítor ajoelha-se diante dela e a fecha cuidadosamente. Vítor encosta a testa na mala, respira fundo e rápido fica em pé.

VÍTOR

Pega essa mala e vai embora.

Atordoada, Dalva caminha hesitante pelo quarto e, percebendo peças de roupa deixadas no chão, abaixa-se, pega uma, ouve um ruído metálico e olha para Vítor.

Vítor está carregando um revólver.

DALVA

(com voz branca)  
Pra que isso?

Vítor acaba de carregar o revólver e encaminha o cano para sua têmpora.

Dalva está à beira do descontrole, a mão duramente fechada no objeto que segurava.

DALVA

(baixinho)  
Vítor, pára com isso.  
(num tom crescente)  
O que é que você está fazendo? O que é que você está fazendo?

Vítor ri, cínico.

DALVA

Por que justo hoje, no dia da minha viagem? - Seu filho da puta! - Então se mata, se mata de uma vez, vai vai -

(aos berros)  
Merda! - Que bosta isso tudo!

Dalva derruba a mala da cama.

Grito off da mãe, que bate na porta.

MÃE (off)  
Socorro - Dalva - Socorro

Ouvindo o grito, Vítor perde sua atitude irônica e sai correndo.

Dalva sai correndo atrás de Vítor.

Cena 22 - CORREDOR/NOITE

Ouvindo a mãe (off) aos gritos batendo na porta,

MÃE (off)  
Socorro - Me tira daqui - Socorro - Meu santinho me  
tira daqui - Meu senhor do sétimo dia olhai por mim

Vítor chega correndo à porta do banheiro, levanta o braço, apontando a arma para a porta.

Dalva está quase chegando à porta do banheiro.

Gritos e choros (off) da mãe prosseguem.

Vítor atira. Silêncio.

Dalva aproxima-se da porta e chama pela mãe.

DALVA  
Mãe! Mãe! Mãe!

Dando-se conta que algo grave aconteceu, Dalva começa a gritar, a bater na porta num ritmo cada vez mais frenético.

DALVA  
Mãe! Mãe! Mãe!

Sem obter resposta, Dalva volta-se para Vítor e começa a agredir.

DALVA  
(meio mecânica)

O que é que você fez? O que é que você fez? O que é que você fez?

Dalva esmurra Vítor com violência, Vítor revida com igual violência. Uma bofetada de Vítor faz recuar Dalva que avança de novo contra ele. Vítor a abraça com firmeza para controlá-la. Dalva bate com os punhos nas costas de Vítor e onde ela pode, chuta as canelas. Os corpos estão grudados frente a frente, os rostos, colados. Por baixo da jaqueta, Dalva abre com fúria a camisa de Vítor, arrancando os botões. Vítor revide rasgando a camiseta de Dalva. Vítor, ainda com o revólver na mão, morde o pescoço de Dalva. Dalva grita de dor e finca as unhas no corpo de Vítor, que reage à dor. Os dois já estão se excitando. Vítor pega na bunda de Dalva e a [a bunda ou a Dalva???] encosta no pau dele, esfregando-se nela. Dalva corresponde. Nesse movimento sensual, os dois corpos abaixam-se simultaneamente, até cair de joelhos. Beijam-se ardorosamente, Dalva enfia uma perna entre as pernas de Vítor, que faz o mesmo. Neste movimento, os corpos caem deitados, Vítor por cima de Dalva. Continuam a tirar a roupa, Dalva abaixa a calça e a cueca de Vítor. Vítor coloca o revólver no chão e arranca a calcinha de Dalva. Vítor chupa os seios de Dalva, enquanto ela o arranha gemendo de prazer. Vítor tenta penetrar Dalva, mas as roupas atrapalham. Cada um acaba de se despir. Neste movimento, Dalva avança no sexo de Vítor e o chupa. Vítor geme, pega Dalva, a deita, ela abre as pernas, ele a penetra, transam. Esta transa é selvagem, muito movimentada, acompanhadas de gemidos altos e gritos. Dalva e Vítor gozam juntos. Dalva e Vítor estão no chão, meio desfalecidos.

Dalva vê o revólver e faz menção de pegá-lo, mas Vítor é mais rápido. Dalva olha secamente Vítor, levanta-se e corre em direção à cozinha.

### Cena 23 - COZINHA/NOITE

A faca, com que Dalva abriu o pacote de café, está sobre a pia, Dalva a pega e vira-se para a porta.

Vítor, nu, está na porta com o revólver.

Dalva e Vítor caminham um em direção ao outro, levantando simultânea e lentamente os braços, ele segurando o revólver, ela, a faca. Vítor encosta o revólver na cabeça de Dalva. Ela encosta a faca no peito de Vítor, e o corta: começa a escorrer um filete de sangue. Em silêncio, Vítor puxa o cão do revólver. Dalva levanta a faca e a encosta na jugular de Vítor. Ficam petrificados nesta posição. Toca a campainha com muita insistência. Vítor precipita-se para a sala, Dalva atrás.



Cena 24 - SALA/NOITE

Dalva vê Vitor espreitando pela janela e vai em sua direção.

VÍTOR

Isso não vai ser nenhum pic-nic.

MEGAFONE (off)

Vítor, sabemos que o senhor está aí, armado. Aqui é o Tenente Medeiros. A casa está cercada. Não adianta reagir. É melhor o senhor sair para conversar que não vai acontecer nada. Basta o senhor se entregar.

Dalva chega à janela para olhar e agarra-se a Vítor.

VÍTOR

(para Dalva e ele próprio)

Eu não vou me entregar.

MEGAFONE (off)

Nós queremos saber se todos na casa estão bem. Saiba que nós garantimos a sua integridade física. O senhor deve jogar a arma fora...

Vítor a puxa e a coloca contra parede para protegê-la, sem deixar de espreitar. Estão muito próximos um do outro.

MEGAFONE (off)

...em seguida, sem camisa e com as mãos na cabeça, o senhor deve se deitar na calçada.

VÍTOR

(para Dalva e ele próprio)

Nem fodendo que vou deitar nesse chão sujo.

(para a polícia)

O primeiro que entrar aqui leva bala, tou falando sério. Tou armado mesmo.

MEGAFONE (off)

Nós sabemos quem é o senhor e não queremos complicação. Se o senhor não resistir, tudo vai acabar bem.

DALVA

Como você vai conseguir pôr um fim nessa história? Melhor você se entregar, Vítor.

VÍTOR

Inimigos por fora, inimigos por dentro. Você pensa que sou trouxa?

DALVA

É a polícia, Vítor, o que é que você vai dizer para eles. Essas coisas nunca acabam bem.

VÍTOR

Você não vai se livrar de mim assim, tão fácil.

MEGAFONE (off)

Me deixa falar com dona Dalva...

Dalva cobre os seios com os braços.

MEGAFONE (off)

... e com dona Lurdes. Vítor, estamos esperando.

VÍTOR

Eu vou matar esses bandidos todos. Só quero ver um filho da puta me enfrentar.

Dalva corre em direção às roupas. Veste camiseta e short. Dalva e Vítor ouvem batidas na parede e uma voz abafada.

VIZINHO

Dalva! Dalva! Tá tudo bem aí? Fala comigo, Dalva!

Dalva pega a calça de Vítor, no que caem do bolso todas as chaves, joga a calça para Vítor.

VÍTOR

Só faltava essa!

Dalva pega as chaves no chão, sem ser vista por Vítor, guarda o molho no bolso do short e fica com uma chave na mão.

Vítor enfia o revólver dentro da calça e sai em direção à cozinha.

VIZINHO

Dalva! Dalva! vocês têm que sair daí. Tá cheio de policia lá fora.

Dalva aproxima-se cautelosamente da porta da cozinha e verifica que Vítor está trancando a porta que dá para o quintal. Dalva volta em direção ao corredor.

#### Cena 25 - CORREDOR/NOITE

Vítor passa correndo por Dalva em direção aos quartos.

Dalva pára em frente à porta do banheiro, a destranca e, para abri-la, tem que empurrá-la com força. Através da fresta, Dalva vê a cabeça do cadáver de sua mãe, que está bloqueando a porta.

Ouvem-se os ruídos de Vítor trancando portas e janelas da casa e, ao fundo, o som abafado do megafone.

MEGAFONE (off)

A situação é insustentável - Vocês não podem ficar presos aí para sempre - Vamos conversar agora. Nós queremos evitar maiores problemas para o senhor e para todos os que estão na casa.

Dalva ajoelha-se à porta do banheiro, estica o braço em direção à mãe e, com receio, toca seu rosto. O corpo de Dalva começa a ser tomado por espasmos. Dalva ergue o braço e fecha a porta. Dalva vomita. Os espasmos continuam até vomitar a bilis. As mãos de Vítor pegam Dalva por baixo das axilas e a erguem.

Dalva e Vítor se abraçam. Vítor limpa com a mão a boca suja de Dalva, que encosta a cabeça no seu ombro. O telefone começa a tocar. Com ternura, Vítor passa uma mão no cabelo de Dalva. Com a outra mão, Vítor pega a de Dalva e a encosta contra seu peito.

DALVA

Você matou minha mãe! Você matou minha mãe!

VÍTOR

(cochichando no ouvido dela)

Eu e você.

Rígida, Dalva desvencilha-se lentamente do abraço de Vítor, que a retém pela mão. Vagarosamente, Dalva solta a sua mão da de Vítor, como se fosse uma última carícia. Dalva encaminha-se para a sala.

#### Cena 26 - SALA/NOITE

MEGAFONE (off)

Por favor, Vítor, é melhor o senhor atender o telefone. Vamos conversar com calma, com a cabeça fria.

Dalva caminha lentamente em direção ao telefone, ajoelha-se e faz menção de atender. A mão de Vítor, delicadamente, segura seu pulso, impedindo-a. O telefone pára, Dalva permanece na mesma posição. O telefone volta a tocar, Dalva não reage. Vítor afasta-se lentamente em direção à janela. Dalva fica olhando o telefone tocar. O telefone pára.

DALVA

(baixinho, mecânica, catatônica)

Eles vão nos matar! Eles vão nos matar! Eles vão nos matar!  
matar! Eles vão nos matar! Eles vão nos matar!

As luzes da casa apagam-se, e feixes de holofotes varrem a sala.

DALVA  
(aos berros, histérica)  
Agora, eles vão matar a gente!

Dalva levanta-se bruscamente, corre em direção à porta, pega o molho de chaves no bolso do short e tenta abrir a porta. Vítor precipita-se sobre ela e a esbofeteia. Dalva desequilibra-se.

VÍTOR  
(irônico)  
Sua vaca, você quer me trair, é?

Dalva cai no chão e Vítor começa a chutá-la. Ela sai engatinhando para escapar aos chutes. Vítor a encurrala contra a parede entre a janela e a porta, tira o revólver enfiado na calça e a abre.

VÍTOR  
Você não vai armar mais nenhuma sacanagem comigo.

Vítor ergue Dalva pelos cabelos e a obriga a chupá-lo.

VÍTOR  
Chupa, vai, chupa.

Dalva, de olhos e boca apertados, vira a cara para a direita e para a esquerda, recusando-se. Vítor encosta o revólver na cabeça de Dalva, e destrava o cão.

VÍTOR  
Deixa de onda e vai chupando.

Com o revólver na cabeça, Dalva olha friamente nos olhos de Vítor e entreabre a boca.

VÍTOR  
Isso!

Vítor começa a movimentar os quadris. Leva a cabeça para trás. Dalva continua. Vítor inclina o torso para olhar a polícia pela janela.

VÍTOR  
(olhando pela janela)

... ou não me chamo Ví-tor. Assim... Você sabe do jeito que eu gosto... Assim...

Vítor está quase gozando, seus movimentos intensificam-se.

VÍTOR

Ah!... Vai... Vai... Ah!

Vítor alcança seu ápice, mantém os olhos fechados por um instante, em êxtase. Dalva levanta-se, faz menção de cuspir. Vítor lhe tampa a boca.

VÍTOR

Engole.

Dalva, combalida, apoia-se no peitoril da janela, engole com esforço e nojo, coloca a mão na boca e dirige-se para a cozinha.

Cena 26/A - COZINHA/NOITE

A mão de Dalva abre a torneira. Dalva coloca as mãos em concha debaixo da torneira e se abaixa como para beber, mas escapa apenas um pouco d'água que logo pára.

Dalva, aterrorizada e olhando fixo para a torneira, afasta-se lentamente.

DALVA

Não tem mais água. Cortaram a água também.

Dalva sai correndo da cozinha.

Cena 26/B - SALA/NOITE

Dalva sobe no sofá, bate na parede com os punhos, e grita:

DALVA

Me tira daqui! Me tira daqui! Me tira daqui!

Vítor precipita-se, sobe sobre o sofá, segura Dalva impedindo-a de bater na parede. Dalva esmorece, entra num estado de exaustão e desânimo. Lentamente, eles vão sentando no encosto do sofá, ela

com as costas apoiadas na parede e olhando para o teto, e Vítor com os braços apoiados nos joelhos, olhando para baixo.

DALVA

Olha por mim, Senhor. Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado. Porque eu conheço as minhas transgressões e o meu pecado está sempre diante de mim.

Lágrimas escorrem pela face de Dalva.

DALVA

Livra-me dos crimes de sangue, ô Deus, Deus da minha salvação, e a minha língua louvará altamente a tua justiça. Abre, Senhor, os meus lábios e a minha boca entoará o teu louvor

Dalva começa a entoar o mesmo cântico cantado por D.Lurdes na cena 14.

VÍTOR

Agora deu pra ficar carola que nem sua mãe?

Dalva pára de cantar, apoia os cotovelos nos joelhos, em posição semelhante à de Vítor, passa as mãos atrás do pescoço, retira uma corrente com uma cruzinha de ouro e a estende a Vítor que, sorrindo, a pega e a segura pelas pontas com a cruz no meio.

Calmamente, Dalva levanta e dirige-se a cozinha.

#### Cena 26/C - COZINHA/NOITE

Sempre calma, Dalva dirige-se à santa, pega a mecha de cabelo e a queima na chama da vela. Vira-se, vê Vítor que está na sala e dirige-se a ele.

#### Cena 26/D - SALA/NOITE

Vítor aproxima-se de Dalva com carinho.

VÍTOR

Não se preocupe, Dalva. Vai dar tudo certo.

Dalva aceita o gesto de Vítor.

DALVA  
Tem que conversar com eles, é a única chance.

Dalva dirige-se à janela.

VÍTOR  
Você quer me ver morto?

Vítor lhe barra a passagem.

DALVA  
Se ao menos eles ligassem a luz.

Um ruído de helicóptero distrai a atenção de Vítor e Dalva consegue alcançar a janela.

VÍTOR  
Dalva, volta aqui! Eles são perigosos.

Vítor posiciona-se atrás dela e encosta o revólver na cabeça de Dalva, colocando-a numa posição de refém.

DALVA  
(aos berros)  
Acendam essas luzes, pelo amor de Deus.

MEGAFONE (off)  
Dalva, aqui é o Tenente Medeiros. Está tudo bem com vocês? E o tiro, o que é que aconteceu?

DALVA  
(aos berros)  
Acendam as luzes, por favor.

MEGAFONE (off)  
A gente precisa saber o que está acontecendo aí.  
Vítor, deixa sair Dalva, não vai fazer nenhuma besteira. Dalva, tá tudo bem com você e com sua mãe?

Vítor aperta Dalva com mais força.

VÍTOR  
Olha lá o que você vai falar.

MEGAFONE (off)  
Dalva, tá tudo bem com você e com sua mãe?

VÍTOR  
Você vai me abandonar? Não quero morrer assim.

MEGAFONE (off)

É melhor a gente conversar pelo telefone.

DALVA

(aos berros)

Liga a luz, que ele vai me matar.

Pausa.

DALVA

(para Vítor)

O que é que eles estão inventando agora?

MEGAFONE (off)

Vamos acender, mas primeiro chame Dona Lurdes

DALVA

(para Vítor)

Eles vão atirar na gente.

(para a polícia)

Minha mãe está bem. Liga essa luz, agora.

Dalva e Vítor abaixam-se, Vítor coloca o revólver para dentro da calça.

VÍTOR

A gente vai ficar bem. Longe daqui. Longe dessa merda toda.

Ficam os dois sentados no chão, encostados à parede abaixo da janela. Dalva olha para Vítor com um leve sorriso, Vítor pega-lhe a mão, a puxa e lhe passa a mão nos ombros, Dalva encosta a cabeça no peito dele. Com a unha, Dalva descasca delicadamente o sangue seco da ferida de Vítor e vai fechando os olhos. Silenciaram o megafone e o helicóptero. Silêncio.

Voltam as luzes. Dalva e Vítor ficam eufóricos. Dalva levanta-se rápido e fecha a janela e a cortina. Alegre, ela acende a luz geral da sala.

Cena 27 - COZINHA, CORREDOR, QUARTOS/NOITE

Numa alegria quase infantil, Dalva e Vítor correm pela casa acendendo todas as luzes.

MEGAFONE (off)



Nós cumprimos a nossa parte. Estamos aguardando.  
Vítor, jogue a arma fora, saia da casa sem camisa e  
deite-se na calçada...

Cena 28 - SALA/NOITE

Na sua euforia, Dalva e Vítor voltam à sala. Vítor empurra móveis para bloquear a porta. Dalva leva uma cadeira para fortalecer a barricada da porta. Nisso, diversos objetos vão caindo e se quebrando. Juntos, eles empurram uma estante contra a janela, e descansam um instante, logo interrompido.

VÍTOR  
A porta do quintal!

Cena 29 - COZINHA/NOITE

Dalva e Vítor empurram a geladeira contra a porta que dá para o quintal, deixando cair objetos que estavam em cima dela. Eles estão totalmente envolvidos por seu esforço físico, é um tal de "pega por aí", "pega mais baixo", "deixa que eu empurro". A geladeira está contra a porta, Dalva, cansada, feliz, encosta-se nela.

DALVA  
Ah! fiquei cansada. A gente podia comer alguma coisa.

Cena 30 - COZINHA/NOITE

Ovos vêm sendo mexidos lentamente pela mão de Dalva, no fogão, numa frigideira que está ao lado de uma panela de arroz que esquenta.

Vítor coloca sobre a mesa dois pratos e talheres.

Dalva despeja os ovos mexidos nos pratos.

Vítor liga a televisão, ao lado da porta da sala, enquanto Dalva coloca arroz nos pratos.

A televisão, numa reportagem sobre a situação, mostra uma locutora em primeiro plano, tendo movimentação policial e a casa de Dalva ao fundo. A câmara ora fica em cima da locutora, ora focaliza policiais ou a casa.

LOCUTORA

... aguarda uma manifestação por parte do seqüestrador. Podemos perceber uma movimentação junto à casa. O Tenente Medeiros está se aproximando ali da viatura, conversa com outros policiais. Podemos perceber que estão preocupados, o semblante deles está carregado, pensando qual vai ser a próxima ação da polícia. Depois de duas horas de cerco, o seqüestrador não fez nenhum contato. Somente a dona da casa Dalva conversou com a polícia, solicitando que fossem acendidas as luzes. As luzes foram acesas, e desde então não houve nenhuma manifestação das pessoas que estão na casa, nem do seqüestrador, nem das reféns, a Dona Dalva e a Dona Lurdes, sua mãe. Causa preocupação o estado de saúde de Dona Lurdes, uma senhora de mais de sessenta anos, doente, que não pode sofrer emoções fortes. Parece que a polícia vai agir. O Tenente Medeiros está conversando com outro grupo de policiais que acaba de chegar. As luzes continuam acesas dentro da casa.

Na televisão, alguém passa um papel para a locutora, que o lê.

LOCUTORA

O elemento que seqüestrou Dona Dalva e Dona Lurdes tem vinte e sete anos, ele se chama Vítor Borelli e ...

Enquanto isso, Dalva e Vítor sentam-se, começam a comer. Vítor, refestelado na cadeira, de pernas esticadas, segura o prato nas mãos. Comendo, eles ficam olhando a televisão como se fosse um programa qualquer. Vítor acaba de comer.

DALVA

Você quer mais?

Dalva esvazia seu prato no de Vítor.

Vítor acaba de comer, tira as coisas de cima da mesa e as deixa na pia.

Vítor coloca o revólver em cima da mesa e senta-se. Dalva e Vítor ficam sentados de cada lado da mesa, frente a frente, com as mãos em cima da mesa, o revólver entre eles. Vítor fica olhando o revólver e Dalva fica olhando para Vítor. Pausa. Vítor olha para Dalva e faz girar o revólver, cujo cano, no fim do movimento,

aponta para ele. Vítor pega na mão direita de Dalva e, sorrindo, a acaricia ternamente. Dalva sorri para Vítor. Com a mão esquerda, Vítor pega o revólver e, como num ritual, o coloca na mão direita de Dalva, posicionando adequadamente seus dedos. Vítor levanta a mão de Dalva à altura de sua própria cabeça com o cano voltado para ele, e destrava o cão. Dalva está com uma expressão serena.

Na televisão continua a reportagem. Tiro.

LOCUTORA

...não tem passagem pela polícia. Ouvimos um tiro. Alguém atirou dentro da casa. O seqüestrador pode ter matado uma das reféns. A polícia está se movimentando, ela vai entrar em ação.

A televisão mostra um grupo de policiais arrombando a porta de entrada da casa. A câmera de televisão está acompanhando de trás os policiais que, com cautela, penetram na sala, passam por cima dos móveis e vão em direção à cozinha. Ao lado do monitor, à porta da cozinha, surgem policiais que entram, abrindo espaço para a chegada da câmera de televisão que mostra no monitor Vítor morto e Dalva segurando o revólver.

Observações: Falta repassar a janela da sala, sua abertura e fechamento.

Falta repassar o calor.

A partir dessa versão, não se alterará a numeração das cenas.

[Arq Rot5.doc]